

**PERCURSO DE (AUTO)FORMAÇÃO DOCENTE À LUZ
EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA CRÍTICA DE COLABORAÇÃO (PCCoI)
NO ATENDIMENTO ESCOLAR COLABORATIVO**

Teacher Self-Formation Journey in the Epistemological Light of Critical
Collaborative Research (CCR) in Collaborative School Support

Recorrido de Autoformación Docente a la Luz Epistemológica de la
Investigación Crítica de Colaboración (ICCoI) en el Servicio de Apoyo Escolar
Colaborativo

**Deficiência: expressões históricas, Identidades, subjetividades, histórias
de vida e narrativas de si (Eixo 8).**

Palavras-chave: narrativas (auto)biográfica, maternidade atípica,
educação especial e inclusiva, interseccionalidade, PCCoI

Aline de Toledo Francisco

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em
Educação Especial e Inclusiva (PROFEI);UNIFESP

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
(CAPES).

E-mail: aline.francisco@unifesp.br

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3216844371734771>

**PERCURSO DE AUTOFORMAÇÃO DOCENTE À LUZ
EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA CRÍTICA DE COLABORAÇÃO (PCCoI)
NO ATENDIMENTO ESCOLAR COLABORATIVO**

1. INTRODUÇÃO

O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal (Ricoeur, 1997)

Este capítulo é um recorte de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Educação Especial e Inclusiva, (PROFEI), do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial e Inclusiva, cujo a pesquisadora através da análise de suas próprias narrativas (auto)biográfica e do seu desenvolvimento pessoal e profissional, reflete sobre suas trajetórias sua vida , a partir da sua vivência como mãe de uma criança preta e autista, durante o processo de escolarização do seu Filho. Trata-se de falar sobre *deficiência, de expressões históricas, Identidades, subjetividades, histórias de vida e narrativas de si*. A pesquisadora expõe dois pontos de vista; o de mãe e docente, cujas identidades se fundem a partir das experiências vividas e marcadas por situações de discriminação, negligência e preconceito no âmbito da Educação Especial e Inclusiva; da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I (presente data).

A interseção dessas opressões postula para a transformação pessoal e profissional contínua da pesquisadora. A pesquisa também foca na atuação da pesquisadora como professora de Atendimento Escolar Especializado Colaborativo, na área de Educação Especial e Inclusiva à luz epistemológica da

Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol). Fidalgo (2006) *defende que Pesquisa Crítica de Colaboração constitui-se como um percurso que une a produção de conhecimento à formação docente, por meio de um processo de análise crítica da prática e do contexto de atuação dos participantes. Sua natureza colaborativa e emancipatória busca transformar as realidades educacionais, superando a dicotomia entre pesquisador e participante.*

De acordo com Vygotsky (2007) a nossa identidade, ou o "eu", é construída e moldada por meio das interações sociais e da cultura. Através da Internalização das Interações Sociais, da Mediação Cultural e da Linguagem. A identidade, de acordo com o autor, é um produto das relações sociais mediadas pela linguagem e por ferramentas culturais. Sendo assim, ao narrar e analisar sua trajetória, o professor (a) está ativamente engajado(a) na construção de sua identidade profissional, o professor pode identificar os sentidos e significados que influenciaram sua trajetória e os momentos de ruptura ou aprendizado que o transformaram. Nóvoa ([1992]1997), destaca *que o professor precisa se conhecer e se reconhecer nas suas práticas, nas suas histórias de vida, para se afirmar como profissional.*

A Pesquisa Crítica de Colaboração, a PCcol, e a Pesquisa Autobiográfica são metodologias de pesquisa-formação que, embora distintas, compartilham uma relação de semelhança epistemológica, com o foco no sujeito e no pensamento crítico-reflexivo. Ambas são pesquisas de cunho qualitativo e se opõem as abordagens de pesquisa positivistas, cujo sujeito é considerado objeto passivo; mero objeto de estudo, cujo pesquisador está em uma posição de observador e coletor de dados. A PCCol e a pesquisa (auto)biográfica colocam o sujeito no centro do processo, como sujeito participante da pesquisa, co-pesquisadores que contribuem ativamente para a produção do conhecimento. No caso da pesquisa autobiográfica, o narrador, de acordo com de acordo com Souza (2016), é o principal protagonista e coautor da pesquisa, fornecendo suas experiências como fonte de dados. Na pesquisa autobiográfica, o ato de narrar a própria vida (uma "escrita de si") é um ato reflexivo que permite ao sujeito compreender sua trajetória, suas escolhas e seus saberes,

Em suma, o que une a PCCol e a Pesquisa Autobiográfica são ferramenta de emancipação humana. E o conhecimento é construído na interação, no diálogo e na reflexão, e serve para capacitar os sujeitos a agirem de forma

consciente e crítica sobre suas próprias vidas e seus contextos sociais. Da mesma forma, minha formação como professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) não se consolidou apenas no espaço acadêmico, pois a minha vivência como mãe atípica tem sido basilar para a construção da minha identidade profissional. Ser mãe de uma criança com necessidades especiais não é apenas uma experiência pessoal; mas um aprendizado que mescla dois pontos de vista; de mãe e docente cujas identidade se fundem a partir das experiências que tenho como mãe de uma criança preta autista marcada pelo processo de discriminação, negligência e preconceito no processo de escolarização no âmbito da Educação Especial e Inclusiva na Educação Infantil a presente data. Como mãe de criança preta com deficiência enfrento preconceito: o racismo e o capacitismo. A interseção dessas duas opressões cria desafios únicos e complexos no processo de escolarização e inclusão do meu filho e que quase sempre, abarca na tentativa de me silenciar quando tento denunciar a violência que sofremos. Algumas vezes para eu ser ouvida, tive que recorrer o pai da minha criança, para que a minha dor pudesse ser validada na voz de um homem. Para amenizar o estigma que minha família é tratada, eu tenho que me apresentar como servidora da Educação, desta forma consigo consolidar apoio e construção de parceria com a instituição que recorro.

A interseccionalidade é uma questão crucial para a educação, pois não é possível promover uma inclusão efetiva sem considerar as múltiplas barreiras que os estudantes e seus familiares enfrentam. A pesquisa crítica de colaboração é uma abordagem essencial para me ajudar a transformar a minha experiência pessoal de exclusão em uma ferramenta de compreensão e mudança social. Pois nesta situação, eu não sou apenas a pessoa que sofre a discriminação, mas a pesquisadora que investiga essa realidade, encorajada a documentar e narrar fatos e registrar incidentes, falas, atitudes, tudo que ela e seu filho vivenciaram. Isso transforma sentimentos em dados e a partir da pesquisa, descrever a interseção da discriminação de raça, gênero e deficiência e ressignificar essas experiências para sua (auto)formação.

A pesquisa apresenta a seção I, que discorre sobre a Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) e suas bases demonstrando as aproximações dessa abordagem com os preceitos da formação docente com base na reflexão crítica.

Na seção II, o ensino colaborativo e a PCCol apresentado como instrumento formador por meio da colaboração como geradora do conhecimento para a mudança da realidade social.

Por fim, a III seção apresenta o enfoque no conceito de memórias autobiográficas e discorre sobre o Transtorno do Espectro do Autismo e de minhas *escrevivências*¹ que interpreto no contexto social e cultural em que estou inserida como mãe atípica.

No segundo capítulo, trago a metodologia de pesquisa, o paradigma em que me posiciono, assim como uma breve descrição do contexto em que a pesquisa se realiza e da participante de pesquisa (no caso, eu mesma, alguns aspectos de minha história de vida profissional e pessoal que, em última instância comporão os dados analisados. Bronckart ([1997]1999) nos orienta que o primeiro nível de análise é o contexto de produção (ou seja, o lócus da pesquisa e seus participantes), visto que o leitor passa a ter uma visão mais precisa dos dados que serão discutidos a partir das descrições acerca do contexto. Por fim, discussão e análise dos dados, seguidas das considerações finais e anexos.

Neste capítulo, discuto também, os tipos de metodologias que embasam esta pesquisa e seus pressupostos metodológicos. Em seguida descrevo os contextos de pesquisa e de forma breve relato algumas histórias de vida que impulsionaram meus estudos e a entrada em campo.

2.OBJETIVOS

A presente pesquisa tem como objetivo geral transformar a realidade desta pesquisadora, e refletir por meio da teoria a prática fundada dos preceitos essenciais da abordagem da PCCol e da apropriação para a efetivação de mudanças nos contextos pesquisados e de produção de conhecimentos. E o objetivo específico de analisar a partir das minhas narrativas (auto)biográfica,

¹ De acordo com Herminio (2022) ,o termo "escrevivência" Criado por Conceição Evaristo, traz a junção das palavras "escrever e vivência", mas a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnica e de gênero ela está ligada, explicou a escritora e educadora. "A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade."

como e quais conhecimentos da minha experiência pessoal e profissional podem gerar no meu processo de autoformação profissional.

METODOLOGIA

As histórias de vida, de acordo com Josso (2004), é um meio fundamental para os indivíduos darem sentido às suas experiências e a trajetória, para um professor (a) é um percurso de aprendizado contínuo. Ainda de acordo com a autora, a pesquisa (auto)biográfica parte do princípio de que as histórias de vida são ferramentas importantes para dar sentido às experiências e construir a identidade como sujeito. A análise das narrativas, neste caso, não é apenas um relato, mas um método de pesquisa. Segundo a autora as narrativas de vida não são apenas registros de experiências, mas um meio importante de transformação pessoal e profissional, pois ao narrarmos nossas histórias, damos sentido às nossas vivências, compreendemos nossos percursos e, assim, nós construímos como sujeitos destacando a importância de se debruçar sobre a própria trajetória para entender como nos tornamos quem somos. Para ela, a pesquisa autobiográfica é um processo de reflexividade que questiona e aprofunda o conhecimento sobre nós mesmos.

A pesquisa é de cunho qualitativo. Segundo Yin (2016), a pesquisa qualitativa é um tipo de investigação que envolve estudar o significado da vida das pessoas nas condições em que realmente vivem, os papéis cotidianos que desempenham ou como se expressam por meio de seus próprios diários, registros periódicos, textos e fotografias.

De acordo com Ferraroti (2010), *as narrativas biográficas são suficientes para compor uma pesquisa como a ciência das mediações capaz de traduzir comportamentos individuais ou microssociais*. O método biográfico se constitui de subjetividade, atribuída como um valor de conhecimento, dado que a realidade é lida do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado.

Diários de pesquisa, análises de documentos pedagógicos (estudos de caso, planos de aulas elaborados para os alunos antes e depois dos estudos da PCCol), além de narrativas (auto)biográficas podem ser utilizados para a produção e coleta de dados. A presente pesquisa está embasada nos princípios dos direitos humanos, em conformidade com a Resolução Nº 510/2016, no que

se refere às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com a participante ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, ao entrelaçar as narrativas (auto)biográficas á luz epistemológica da Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol), alcançou seu objetivo transformar a realidade da pesquisadora e, por meio dela, produzir conhecimento relevante. Como afirma Ricoeur *o tempo se torna humano na medida em que é narrado*, e é nesse ato de narrar a própria trajetória de mãe-docente que se articula uma reflexão profunda sobre as experiências vividas. O estudo evidenciou que a interseção das opressões de raça e deficiência (racismo e capacitismo) é um desafio complexo na Educação Inclusiva.

A metodologia qualitativa e o método biográfico mostraram-se suficientes e essenciais para dar voz à subjetividade da pesquisadora. A escrita de si, permitiu não apenas a reflexão individual, mas a conexão com a vivência de uma coletividade. Nesse sentido, a pesquisa se constitui como um ato de resistência transformando a dor da discriminação em dados e conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução e prefácio de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC, 1999.

FERRAROTTI, M. **Histórias de vida: o método (auto)biográfico em Ciências Sociais**. Lisboa: Celta Editora, 2010.

FIDALGO, Sueli Salles; SHIMOURA, Andréa de Siqueira (Org.). **Pesquisa Crítica de Colaboração: Um Percurso na Formação Docente**. São Paulo: Ductor, 2006.

HERMÍNIO B.,. "A 'escrevivência' carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo". In Jornal da USP; IEA, 2022.

JOSSO, M.C. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Cláudio S. S. de Oliveira e Júlia Ferreira da Silva. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2004.

NÓVOA (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

SOUZA, E. C. O conhecimento de si: pesquisa (auto)biográfica, narrativa e formação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto et al. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.